

O uso de letras de músicas nas aulas de Sociologia

Cristiano das Neves Bodart¹

Resumo

O presente artigo apontar as dificuldades do docente no uso da música brasileira em aulas de Sociologia, assim como discutir de quais formas é possível utilizar-se das letras das canções sem distanciar-se de uma análise sociológica. O artigo se fundamenta na revisão de literatura e na prática docente do autor. Apontamos que tais dificuldades, relacionadas à análise nociva à docência da disciplina de sociologia, estariam ligadas a formação do professor, a recente inclusão da disciplina na grade curricular e as dificuldades de definição das fronteiras da Sociologia com a História, com a Geografia e com o senso comum.

Palavras-chave: Sociologia; Música; Análise; Sala de aula; Perversidades.

1. INTRODUÇÃO

O uso de músicas em aulas de Sociologia, especialmente no Ensino Médio, parece tornar-se algo corriqueiro. A variedade de abordagens do cotidiano existentes nas músicas brasileiras colabora para que muitos conteúdos dessa ciência sejam trabalhados com os alunos, a fim de, aproximá-lo desse saber, especialmente na produção de uma “imaginação sociológica”. Por outro lado, a aparente facilidade de utilização de letras de músicas nas aulas de Sociologia pode induzir o professor e educandos a distanciar-se de uma análise sociológica.

¹ Licenciado em Ciências Sociais e doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: cristianobodart@gmail.com

A música brasileira é rica em tratar de questões do dia a dia, questões próximas aos alunos, o que seduz o professor a utilizá-las em sua prática docente. Questões como problemas sociais, costumes, regras sociais, estratificação social, relações sociais, contato social, discriminação, entre outros, são exemplos de temáticas amplamente abordadas nas músicas brasileiras. A variedade de temas e de focos sobre eles possibilita o educador incluir com certa facilidade as músicas em seus planos de aula. O perigo se encontra em ocorrer uma inversão do objetivo de seu uso: ao invés de o professor aproximar os alunos da análise sociológica, acabar distanciando-os, conduzindo-os rumo a uma análise de senso comum, ou ainda sob perspectivas de outras ciências, tais como a História, a Geografia e a Filosofia, não que a Sociologia não possa dialogar com tais saberes, mas deve diferenciar-se por meio de seu método. É mais importante ensinar a pensar sociologicamente do que aprender o conteúdo abordado. Se assim ocorrer o educando estará dotado de condições para posteriores análises na realidade social sem necessitar ser tutelado pelo professor, inclusive rever a temática abordada em sala. Para isso, é necessário distinguir a Sociologia e seu procedimento analítico dos métodos das outras ciências.

A sociologia, aliás, como outros ramos das ciências sociais, possui sua própria perspectiva cognitiva que estabelece questões a lançar acerca das ações humanas, assim como seus próprios princípios de interpretação. Desse ponto de vista, podemos dizer que a sociologia se distingue por observar as ações humanas como elementos de figurações mais amplas; ou seja, de uma montagem não aleatória de atores reunidos em rede de dependência mútua (BAUMAN; MAY, 2010, p. 16).

Para a Sociologia importa pensar as consequências que os fenômenos têm para as pessoas e de que forma estão relacionadas a rede de interdependência que forma a sociedade, assim como buscando reflexões dessa natureza “como nossas biografias individuais se entrelaçam com a história que compartilhamos com outros seres humanos?” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 20).

O presente artigo não está centrado nos estudos da Música, como aqueles desenvolvidos por Alfred Schutz ou Theodoro W. Adorno, nem em sua análise como elemento de socialização e recreação. Esta abordagem procura problematizar o uso de

letras de músicas como recurso didático do professor de Sociologia. Este *paper* se debruça sobre os perigos do uso da análise de letras de músicas para as aulas de Sociologia. Os perigos estão associados a resultados negativos não esperados ou desejados de seu uso no processo ensino-aprendizagem. Não temos como pretensão, ou objetivo, apresentar uma metodologia didática do uso de letras de músicas, mas, de certa forma, denunciar erros comuns ocorridos nas salas de aula.

2. A ANÁLISE DE LETRAS DE MÚSICAS NAS AULAS DE SOCIOLOGIA: POTENCIALIDADES E CONSTRANGIMENTOS

A recomendação de uso de letras de músicas em sala de aula é sempre presente em orientações curriculares. Uma equipe de professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ produziu um manual de reorientação curricular para a disciplina de Sociologia. o documento intitulado “Sociologia em Ato: Manual de Atividade em Sociologia para o Ensino Médio” apresenta-se tendo “como horizonte prioritário ‘transformar’ o aluno em um observador atento, curioso e ‘desconfiado’ dos fenômenos cotidianos em sua aparência imediata” (ALBUQUERQUE; *Et al.* s/d, p. 13). Dentre as apontamentos de material didático, o manual orienta o uso de músicas para análise e discussão em sala de aula. O problema é que tal documento parte do pressuposto de que os professores de Sociologia possuem total domínio do método de análise sociológico, o que nem sempre é verdade, ainda mais que grande parte dos professores de Sociologia do Ensino Médio não são formados em Ciências Sociais. Em 2009, apenas 12% possuíam formação específica na área (HANDFAS, 2009).

Outra limitação em relação à prática de análise de letras de músicas em aulas de Sociologia está relacionada ao estado de maturidade da disciplina. Para Moraes, Guimarães e Tomazi (2006), a Sociologia,

É uma disciplina bastante recente – menos de um século, reduzida sua presença efetiva (no ensino médio brasileiro) à metade desse tempo; não se tem ainda formada uma comunidade de professores de Sociologia no ensino médio, quer no âmbito estadual, regional ou nacional, de modo que o diálogo entre eles tenha produzido consensos a respeito de conteúdos, metodologias, recursos, etc., o que está bastante avançado nas outras disciplinas. Essas questões já poderiam estar superadas se houvesse continuidade nos debates, o que teria acontecido se a disciplina nas escolas não fosse intermitente

(MORAES; GUIMARÃES; TOMAZI, 2006, p.103-104).

Nota-se que a disciplina ainda não se encontra consolidada, assim como ainda não existe uma comunidade coesa de professores atuantes no ensino médio. Essas duas realidades impactam diretamente na habilidade do uso das letras de músicas em sala de aula.

A inclusão da disciplina de Sociologia só ocorreu oficialmente após 37 anos de exclusão do currículo do Ensino Médio. Durante todo esse tempo praticamente não tivemos significativo volume de formaturas de professores de Sociologia, situação provocada pela falta de espaço de atuação dos docentes dessa área.

Em 8 de maio de 2008, o Senado aprovou o projeto de lei alterando a redação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96-LDB) no artigo 36, criando o inciso IV: “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio” (BRASIL, 2008). Antes dessa data, havia apenas uma recomendação da CNE (Parecer CNE/CEB 15/1998). sugerindo a inclusão da disciplina no currículo de Ensino Médio², o que dificilmente ocorria no país.

Tornada obrigatória no Ensino Médio, muitos professores de outras áreas passaram a lecionar Sociologia, o que somado à falta de uma tradição na formação de professores de Sociologia tornou seu ensino um tanto precário, marcada por vícios de interpretação da realidade social sob a perspectiva da Geografia Humana e da História, assim como as dificuldades de delimitação de suas fronteiras, o que ocorre também em relação ao senso comum.

Tal vício de interpretação - sob a perspectiva da Geografia Humana e da História-, por muitas vezes se repete nas análises de músicas utilizadas em sala de aula. Embora não objetivamos discutir o conceito de música, acreditamos que uma conceituação mínima nos ajudará a compreender a temática em questão. Desta forma buscamos a definição de Penna (2008), que entende tal conceito como:

² (item 5.2) “Nesta área (Ciências Humanas) incluir-se-ão também os estudos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania, para cumprimento do que manda a letra da lei. (grifos da autora) No entanto, é indispensável lembrar que o espírito da LDB é muito mais generoso com a constituição da cidadania e não a confina a nenhuma disciplina específica, como poderia dar a entender uma interpretação literal da recomendação do inciso III do Parágrafo primeiro do artigo 36. Neste sentido, todos os conteúdos curriculares desta área, embora não exclusivamente dela, deverão contribuir para a constituição da identidade dos alunos e para o desenvolvimento de um protagonismo social solidário, responsável e pautado na igualdade política.”

A arte de modo geral – e a música aí compreendida – é uma atividade essencialmente humana, através da qual o homem constrói significações na sua relação com o mundo. O fazer arte é uma atividade intencional, uma atividade criativa, uma construção – construção de formas significativas (PENNA. 2008 p.18).

Nota-se um ponto essencialmente importante do conceito de arte (inclui-se aqui a música) usado por Penna: sendo uma construção de significações na relação com o mundo. É justamente essa dimensão que possibilita seu bom uso no processo ensino-aprendizagem de sociologia.

Porém torna-se necessário “[...] estabelecer uma fronteira entre conhecimento sociológico formal e senso comum é questão tão importante para a identidade da sociologia” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 20). O senso comum tende a perceber tudo como fruto de ações intencionais, como se a pessoa fosse descolada no seu mundo social (vivesse sem nenhum tipo de influência do meio) e, portanto, capaz de definir sua situação nesse mundo, o que chamamos de “particularidade de visões de mundo”. A Sociologia reconhece, ao contrário, que somos parte de uma estrutura estruturante. “Pensar sociologicamente é dar sentido à condição humana por meio de uma análise das numerosas teias de interdependência humana” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 24).

Pereira (2007) chama a atenção para a importância da “imaginação sociológica”, termo inventado por Wright Mills (1969). Para Mills, a Sociologia serviria para elucidar a relação entre biografia e história, entre ação e estrutura. Desta forma, ao analisar a letra de uma música torna-se necessário considerar as relações entre indivíduo, história e sociedade, buscando compreender a estrutura social que envolve o fenômeno descrito na letra da canção.

Para tanto, cabe a análise da letra da música romper com as percepções mais imediatas. Bourdieu (1988) apontou que a principal finalidade da Sociologia seria suprir o estado de inocência que faz com que tomemos um dado socialmente construído como natural e eterno. As músicas devem ser analisadas de forma a buscar compreender as questões que a envolve, tendo-as como uma construção da vida social, sendo históricas e relacionadas às condições materiais.

O elemento “contexto histórico” da produção e repercussão da música deve ser esclarecido, afim de fornecer elementos compreensivos do mesmo. Certamente que a

compreensão da letra da música tende a sofrer fortes influências de nosso “lugar no mundo”, nosso “ponto de vista”. Como já dizia Max Weber,

Não existe qualquer análise científica puramente objetiva da vida cultural [...] que seja independente de determinadas perspectivas espaciais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas ou organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa (WEBER, 1979, p.87)

Embora exista essa possibilidade de “contaminação” do analista, o professor deve buscar conduzir os alunos a um olhar distanciado do objeto, buscando familiarizar-se com o exótico e estranhar o familiar. Como disse Gilberto Velho, “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido” (VELHO, 1978, p. 39). Isso dependerá da capacidade de análise sociológica do educador e dos educandos.

As músicas produzidas no passado podem ser usadas basicamente com duas finalidades diferentes: i) para compreender a realidade social temporalmente e espacialmente situado na época da composição; ii) promover a percepção, ao longo de um tempo, das mudanças e permanências sociais, sejam elas estruturais ou não.

Músicas atuais podem ter igualmente duas finalidades: i) compreensão da realidade social a qual está inserido o educando; ii) promover comparações de padrões sociais entre dois ou mais grupos ou sociedades.

Ao realizar análises de músicas produzidas no passado, torna-se necessário tomar cuidado de não se ater a um estudo limitado à perspectiva da história. Identificar os fatos históricos contidos na letra da música não é realizar uma análise sociológica. Torna-se necessário compreender as estruturas sociais envolvidas, assim como os padrões de comportamento socialmente construídos e mantidos. Para Bourdieu (1979, p. 17), a música é uma das formas como mais inequivocamente se expressam as pertencas sociais de classe. Ao compor uma música, o autor está falando de algum lugar; tal frase lembra Foucault. Desta forma, compreender onde estava situado o autor, de onde discursa, é fundamental para a compreensão das estruturas sociais da época.

Utilizo a música “A vida é um moinho”, de Cartola (1979), como breve exemplificação:

Ainda é cedo amor
Mal começaste a conhecer a vida
Já anuncias a hora de partida
Sem saber mesmo o rumo que iras tomar
Preste atenção querida
Embora eu saiba que estás resolvida
Em cada esquina cai um pouco tua vida
Em pouco tempo não serás mais o que és
Ouça-me bem amor
Preste atenção o mundo é um moinho
Vai triturar teus sonhos, tão mesquinho.
Vai reduzir as ilusões à pó
Preste atenção querida
Em cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares estás à beira do abismo
Abismo que cavastes com teus pés

A análise da música em aulas de Sociologia deve ir além da análise do vida pessoal do autor, como aquelas que se faz afirmando que “seria talvez a música uma expressão ligada a sua enteada que saiu de casa com um homem mais velho, ou que teria saído de casa para se prostituir”. Essa observação reduzida aos fatos individuais não corrobora para uma compreensão sociológica. Resta ao professor de Sociologia buscar, com auxílio da História, mas não limitando-se a ela, conduzir os alunos a compreenderem as estruturas sociais que moldam pensamentos como o do compositor: uma sociedade tradicional, marcada pelo medo da “vida no mundo (extra casa/família)”, tendo a mulher como sexo frágil, cuja moralidade estaria fundada na castidade, onde o sexo não pode ser visto como atividade de prazer em si, assim como a ideia de que as mulheres devem ter apenas um parceiro sexual: o seu marido. Existem ainda outros elementos que podem ajudar a reconstrução dos fenômenos sociais da época em que foi composta a música (1976), tais como a crescente prostituição e exclusão social provocado pelo crescimento urbano acelerado vivenciado no Brasil, o que ampliava o medo do “mundo”; e o desejo pela prosperidade econômica de influência capitalista americana (“sonhos mesquinhos”). Enfim, a análise de letras de músicas produzidas no passado deve centrar na busca da compressão da sociedade da época, seja como compreendê-la em si mesma ou com o objetivo de realizar comparações com a sociedade atual, ambos os casos muito frutíferos para o educando iniciante em Sociologia.

Quando a análise de letra de músicas atuais, pode ser realizada com base em dois objetivos: i) compreender a sociedade a qual está inserido o educando; ii) comparar

sociedades ou grupos contemporâneos.

Enquanto que a análise de letras de músicas escritas no passado há o risco de conduzir a aula a uma análise histórica e não sociológica, a análise de letras de músicas atuais pode levar a aula de Sociologia a se transformar em uma aula de Geografia Humana, por exemplo, ou em uma discussão de senso comum.

O perigo de se realizar uma análise geográfica em aula de Sociologia está relacionada diretamente à recente inclusão da sociologia no currículo e a formação de professores de Sociologia enviesadas para a Geografia Humana. Nesse caso, o problema está em limitar as análises à interação do indivíduo na vida econômica, a descrições de elementos do mercado, e apontar o homem, de forma individualizada, como produtor do espaço geográfico (nessa perspectiva ignora-se as estruturas sociais estruturalizantes da sociedade). Como breve exemplificação podemos utilizar a música “Lixo no lixo”, do grupo Falamansa.

Se no dia em que o mar enlouquecer
O dia em que o sol se esconder
O dia em que a chuva não conter
O choro que caí, pra te dizer
Que acabou o mundo e não sobrou mais nada
Sujou a sua terra
Poluiu a água
E não há uma chance de sobreviver
Se no dia em que o solo empobrecer
O céu deixar de azul ser
O dia em que a lua vir nascer
Tarde demais pra te dizer
Que ainda resta um sonho, uma esperança
Atrás de um sorriso de qualquer criança
Só há uma chance de sobreviver
E você
Salvou o mundo?
Ou se acabou com ele
O teu chão era imundo
Você soube cuidar dele?
Jogando lixo no lixo, no lixo, no lixo
Jogando lixo no lixo, no lixo, no lixo

Em uma perspectiva limitada a uma análise geográfica, o professor daria ênfase à degradação do meio ambiente, na atuação do homem sobre a produção/destruição do espaço a qual vive. Uma análise sociológica, por outro lado, poderia analisar a música centrando-se nos conflitos socioambientais (fragmento da música: “e não há uma chance

de sobreviver”), em como se alteram as formas de pensamento da sociedade em relação ao meio ambiente (“o dia em que...”), assim como as mudanças de comportamento em relação às questões ambientais (“E você, já salvou o mundo?”), buscando apontar que as relações entre sociedade e meio ambiente são socialmente construídas e não uma questão exclusivamente de postura individual. Nessa direção, pode-se discutir com os alunos de que forma a sociedade consumista, onde tudo é facilmente descartável, está associada a prática de depredação do meio ambiente.

O perigo da aula de Sociologia se transformar em uma discussão de senso comum é sem dúvida a situação mais ameaçadora. Isso ocorre porque o senso comum fornece à Sociologia a matéria-prima para a investigação (BAUMAN; MAY, 2010, p. 19) e muitas vezes a discussão não supera as opiniões fundamentadas nas experiências diárias percebidas sob o senso comum. É comum e aceitável que os alunos utilizem seu senso comum para participar ativamente da aula, porém cabe ao professor conduzir a discussão para uma reflexão sociológica. Existe uma diferença importante na metodologia de análise do senso comum e da Sociologia. Para Bauman e May (2010, p. 20), a Sociologia diferencia-se do senso comum por se subordinar às regras rigorosas de um discurso responsável baseado em evidências verificáveis. Em outras palavras, a Sociologia, ao contrário do senso comum, é uma ciência que pensa o mundo social em complexa conexão.

Nesse sentido, pensar sociologicamente significa entender de um modo mais completo quem nos cerca, tanto em suas esperanças e desejos quanto em suas inquietações e preocupações. Buscar levar os alunos a pensarem de que forma suas vidas individuais estão associadas à vida coletiva é bem frutífero na análise sociológica de letras de músicas.

Utilizo a música “Dar-te-ei”, de Marcelo Jeneci, como uma breve exemplificação.

Não te darei flores não te
darei elas murcham, elas morrem
Não te darei presentes não te darei pois envelhecem e se desbotam
Não te darei bombons não te darei eles acabam, eles derretem
Não te darei festas não te darei elas terminam, elas choram, elas se vão

Dar-te-ei finalmente os beijos meus
Deixarei que esses lábios sejam meus, sejam teus.
Esses embalam...esses secam...mas esses ficam.

Não te darei bichinhos não te darei, pois eles querem, eles comem
Não te darei papeis não te darei, esses rasgam, esses borram
Não te darei discos não, eles repetem, eles arranham
Não te darei casacos não te darei, nem essas coisas que te resgardam e
que se vão

Dar-te-ei a mim mesmo agora
E serei mais que alguém que vai correndo pro fim
Esse morre...envelhece...acaba e chora...ama e quer...desespera esse
vai... mas esse volta

Atentando para a letra da música sob uma perspectiva do senso comum, ou seja, da ideologia dominante capitalista, seríamos levados a interpretar o personagem apenas como um tipo “pão-duro”, que utilizando elementos sentimentais estaria justificando a sua indisposição em ofertar a amada presentes materiais demonstradores e comprovadores de seus sentimentos. Assim, concluiríamos que se trata de um “malandro” que não quer, ou não pode, ofertar tais presentes e que o mesmo estaria recorrendo a um discurso romântico não pautado em ações supostamente concretas para justificar sua indisposição ou incapacidade.

Nos afastando da perspectiva mais imediatista, torna-se possível compreender a música de outra forma. Desta, o personagem, representando um grupo social (já que a postura não é exclusiva dele e nem produzida por ele para ele), estaria desejando oferecer à amada elementos mais duradouros, que, segundo ele, seriam elementos que “ficam”. Sob esta perspectiva poderíamos estar sendo acusados de ideólogo romancista. Mas não se trata de romancismo, mas de um olhar focado na representação simbólica. O valor do presente deixa de estar pautado no objeto em si, passando a estar na intenção e na sua representação simbólica. Sob esta ótica o presente enquanto materialidade pouco importaria, antes importando o significado que ele carrega. No caso do personagem da música sua preocupação estaria em oferecer algo duradouro que fosse, para ele, mais significativo e permanente.

Temos, assim, duas formas de compreendermos a letra da música. Ambas tendo como centralidade o símbolo “presente”; porém, uma forma marcada pela representação material, no valor monetário, em “coisas percíveis” característico da sociedade capitalista, mais próximo de uma interpretação imediatista, e outra que, indo para além do valor material/monetário, centra-se no presente enquanto símbolo dotado de significado social, tendo seu significado de certa forma desvinculado do elemento

material, buscando fazer alusão ao seu sentimento supostamente permanente.

Outra possibilidade de estudo sociológico estaria centrada na análise crítica do discurso³. No caso da música “Dar-te-ei”, seria possível pensar de que forma o compositor estaria buscando desconstruir o discurso capitalista e reconstruir um outro discurso? É possível aprofundar a discussão em torno do papel do discurso na construção das ideologias.

Essa possibilidade de análise sociológica da música deve levar em consideração o campo social a qual a sua produção está inserida. Sob a perspectiva do conceito de “campo social”, torna-se necessário o professor entender as relações de poder existente no campo das artes, compreendendo que, segundo Bourdieu (2004, p.27) “os campos são os lugares de relação de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas”. Para esse autor, “um campo não se orienta totalmente ao acaso”. Dito isto, a música deve ser analisada como um instrumento de construção ou manutenção de ideologia, e por isso, de disputa de poder dentro do campo artístico e que muitas vezes tem por objetivo atuar sobre outros campos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de letras de músicas nas aulas de Sociologia tem sido apontado, em manuais, como uma excelente ferramenta didática, porém seu uso pode apresentar perigos que carecem de atenção por parte dos professores de Sociologia. As dificuldades de uso de músicas nas aulas de Sociologia estão associadas a “imaturidade” da disciplina no currículo, ao fato de maior parte dos educadores não serem formados em Ciências Sociais e o viés da História e da Geografia existente nas aulas de Sociologia, além da dificuldade de o professor conduzir os educandos a superar o senso comum em direção a uma reflexão sociológica.

As discussões realizadas neste *paper* buscaram apontar os perigos na utilização de letras de músicas nas aulas de Sociologia, sendo possível destacar aqueles mais eminentes e, ainda, apresentar algumas formas de esquivar-se deles. Ao escolher uma música, cabe ao professor de Sociologia refletir previamente sobre ela a partir de uma

³ Sobre a análise crítica do discurso ver DIJK, Teun A. Van. Discurso e Poder. São Paulo: Contexto, 2010.

perspectiva sociológica, buscando evitar se ater apenas ao contexto histórico factual da produção da música, deve buscar elementos que aponte para as estruturas sociais da época, os fenômenos e ações sociais, bem como identificar de que maneira questões individuais estão interligados as questões coletivas. Quanto ao perigo de uma análise de viés geográfico, é mais comum ocorrer quando a temática envolve questões ambientais ou econômicas. Nesse caso, igualmente, o educador deve ater-se a uma discussão sociológica a fim de não “repetir” a aula dada pelo professor de Geografia. É mais importante que o aluno aprenda a pensar sociologicamente do que compreender a temática abordada em aula.

Quanto ao perigo de a aula tornar-se uma discussão limitada ao senso comum, torna-se importante o papel de orientador/indutor do professor, já que os educandos tendem a iniciar a discussão a partir daquilo que eles ouvem fora do ambiente escolar. O professor deve utilizar-se da matéria-prima (as questões cotidianas) proporcionada pelos alunos, mas lembrando que embora o objeto de discussão seja a realidade comum dos alunos, as discussões devem ater-se ao método sociológico de análise, cabendo ao professor ensinar os alunos a *imaginação sociológica*, a compreender o mundo como uma teia de interdependência humana.

4. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Benigna M. da Rosa. *Et al. Sociologia em Ato: Manual de Atividade em Sociologia para o Ensino Médio: reorientação curricular - Sociologia*. Disponível em: <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/downloads/sociologia1.pdf> . Acessado em: 01 de nov. 2012.

BAUMAN, Zigmunt. MAY, Tim. *Aprendendo a pensar sociologicamente*. Trad. Alexandre Wernek. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BOURDIEU, Pierre *et al. Lições da Aula*. São Paulo, Editora Ática S.A., 1988.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. *La distinction: Critique sociale du jugement*. Paris: Les Editions de Minuit, 1979.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei*

no 9.394/1996. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm . Acesso em 01 nov. 2009.

HANDEFAS, Anita. *A formação do professor de sociologia*. In. *A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*. Rio de Janeiro, Quartet, 2009.

MORAES, Amaury Cesar; GUIMARÃES, Elizabeth da Fonseca; TOMAZI, Nélcio Dácio. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Conhecimentos de Sociologia. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006.

ORLANDI, Eni (1999). *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes.

PENNA, Maura (org.). *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2008. 230 p.

PEREIRA, Luiza Helena. *Qualificando futuros professores de sociologia*. In: *Mediações*, Londrina, V.12, n.1, p.143-158, Jan/Jun. 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3393/2763>. Acessado em 01 de nov. de 2010.

VELHO, Gilberto. *Observando o familiar*. In NUNES, Edson de Oliveira. *A aventura sociológica: Objetividade, paixão, improviso e métodos na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. [p. 36-46]

WEBER, Max. *A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais*. In: COHN, Gabriel (org.). *Sociologia: Max Weber*. São Paulo: Ática, 1979.